



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9699 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT04 - Didática

## O ALUNO E A ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE SUPERAÇÃO DO ENSINO INSTRUCIONISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Lucia Werneck Veiga - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Adriana Rocha Bruno - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **O ALUNO E A ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE SUPERAÇÃO DO ENSINO INSTRUCIONISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

O presente trabalho apresenta parte de Tese de Doutorado realizada entre 2014 e 2018 pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, financiada pela CAPES, inclusive com a realização do Doutorado Sanduiche no Exterior. Por meio da pesquisa narrativa e processos de imersão na escola, apresenta-se nesse recorte a reconstrução da vivência de Mateus (12 anos), sua participação e como relaciona-se com os outros no movimento de superação do ensino instrucionista da escola em que é estudante. Tal escola situa-se em Lisboa (Portugal) e é participante ativa do Movimento da Escola Moderna Portuguesa. Verifica-se que para decidir, opinar, participar, foram produzidas “ferramentas fortes” (dispositivos pedagógicos) como formas de relações sociais particulares em que há esquemas de comunicação que são constitutivas de uma relação com o poder.

Palavras-chave: narrativa, ensino fundamental, educação escolar

#### **Introdução (problemática, caminhos metodológicos)**

Pensar a “tradição” e a “renovação” na educação escolar fazem refletir sobre igualdade e desigualdade, sobre escola e aluno, o ensinar e o aprender. O discurso de colocar no debate sobre a escolarização a centralidade do aluno, seus desejos e interesses, trouxe grandes desafios para aquelas escolas que pretendem “inovar”, superar modelos autoritários em que o foco está no controle do professor. Processos de luta pela mudança do ensino instrucionista (AUTOR 2; PESCE; BERTOMEU, 2012) requerem pensar nesta perspectiva que tem como foco a transmissão de conteúdos: valoriza “a reprodução, a repetição, a memorização, a fixação de conteúdos, a centralidade e controle do professor, o produto, os modelos, o reforço positivo” (IDEM, p. 124).

O foco no aluno, seus desejos e anseios, devem ser o objetivo da educação escolar? Reflexões advindas da pesquisa foram ampliando, mas também articulando o conceito de aprendizagem para/ com o de desenvolvimento, o conceito de identidade para/ com o de alteridade, o conceito de autonomia para/ com aquelas condições favoráveis ou não ao seu desenvolvimento com os outros, o olhar sob “situações de aprendizagem” para ver

progressivamente “processos de desenvolvimento organizado”, conforme discutem Cosme e Trindade (2013). Segundo os autores portugueses, será o processo de comunicação e a “turma” como uma comunidade de aprendizagem que conferem, além das potencialidades dos sujeitos, uma relevância para os objetos e atos que viabilizam a produção do saber. Por isso, consideram que, a partir dessa premissa, pode-se passar de uma discussão do âmbito do campo do ensino ou do campo do aprender para um outro patamar: o do campo epistemológico.

Como os alunos reconstruem sua participação nas escolas? Como vivenciam os movimentos que cada escola realiza para superar modelos hegemônicos? Para compreender essas questões tomamos como escolha metodológica a pesquisa narrativa. Salienta-se o que Bruner (1996) afirma sobre a construção narrativa da realidade que nos obriga a olhar para uma “voz” apesar dos esforços de objetividade do narrador: todo narrador tem um ponto de vista e todos nós temos o direito inalienável de questioná-lo. A narrativa interpela uma legitimidade. A interpretação do leitor e seu olhar são cúmplices do autor e é isso que faz com que haja sentido, senão nada acontece. A realidade narrativa liga-nos ao que é esperado, mas faz-nos ver novamente aquilo que nos foi dado/ concedido. Através do cruzamento de pesquisa bibliográfica e documental, observações e entrevistas, Rodas de Conversa, além de acesso a materiais de estudo dos alunos, são recuperados no processo de narração pela pesquisadora os sentidos produzidos pelas crianças sobre esses movimentos, sobre as construções sociais que são as escolas que frequentam.

Além disso, considera-se o que discute Paulus (2013) acerca das relações sociais no espaço-tempo da escola e da importância dos sujeitos em relação. Nesta perspectiva, importam os modos como os indivíduos interpretam a sua relação com o poder, com o saber e a escolha do paradigma pedagógico. Serão estes os fatores determinantes das variações locais de uma forma escolar.

### **Mateus e seu grupo de trabalho (Análise)**

A Escola A Voz do Operário assume sua vinculação ao Movimento da Escola Moderna Portuguesa e ao paradigma pedagógico da comunicação, que delega aos professores o lugar de “agentes que contribuem decisivamente para que os alunos possam participar e aprender a participar na construção daquelas comunidades” (COSME; TRINDADE, 2013, p. 67).

O processo de imersão nesta escola ocorreu em setembro, início do ano letivo de 2017/2018, calendário português. Localiza-se no bairro da Graça, o mais antigo da cidade. Trata-se de unidade de uma rede de escolas. A Escola A Voz do Operário é fruto de um movimento associativo da classe trabalhadora dos operários tabaqueiros que surge para dar sustento à publicação do periódico, o Jornal, sem vínculo partidário ou político, com fins de melhorar as condições gerais de vida e de trabalho, assim como também a instrução e bem-estar dos mesmos. Assim é criada em 1883 a Sociedade Cooperativa. Com o tempo, os sócios da Cooperativa já não eram somente operários tabaqueiros, por isso decidiu-se transformá-la em Sociedade de Instrução e Beneficência a partir de 1890 uma vez que se abriu a outras classes trabalhadoras. A indústria tabaqueira era a que gerava o maior volume de negócios no terceiro quartel do século XIX, segundo o documento referência da história da escola apresentado no site .

O entorno da escola é urbano, rodeado por conventos e mosteiros e alguns miradouros com vistas para a cidade e o rio Tejo, locais que serviram de cenário para muitas notas de campo. Há um simpático atelier de confecção de azulejos, sinos de igreja, sendo que alguns alunos vieram de escolas confessionais.

Nesse início do ano letivo de 2017/2018, algumas mudanças ocorriam como diz por e-mail o diretor pedagógico:

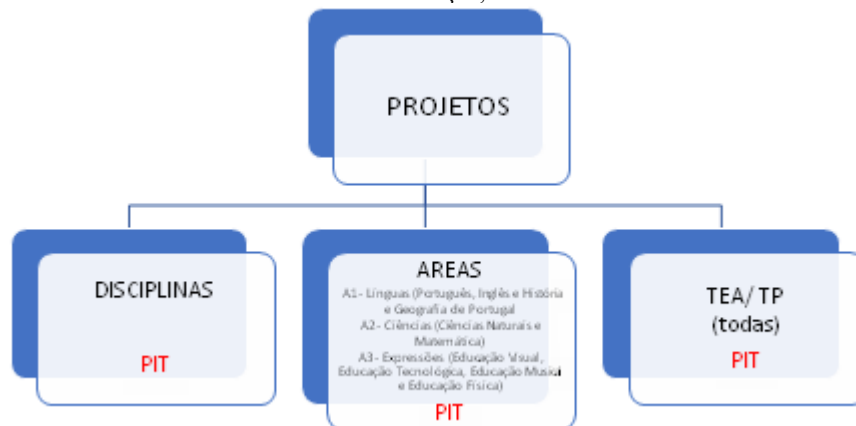
*[...] em fase de reorganização profunda do funcionamento do 2º ciclo. Acabámos com as turmas de nível, funcionamos maioritariamente em projetos de investigação e sua comunicação e em tempos de trabalho autónomo. Queremos efetivamente uma escolha que celebre a*

*diversidade.*

*Enviada em: sábado, 21 de jul de 2017, às 08:23.*

Assim, houve a não distinção por turmas entre 5º e 6º ano e ainda um progressivo afastamento do uso exclusivo de manuais, progressivo equilíbrio entre os interesses dos alunos e o currículo externo. Haviam, portanto, algumas mudanças relativas à organização do trabalho pedagógico que se diferenciava do que vinha ocorrendo e que, segundo o diretor pedagógico, tinha por objetivo oferecer gradativamente mais possibilidades de escolhas, participação e autonomia aos alunos, o que necessariamente passaria por um trabalho mais integrado da equipe pedagógica. Por isso, a redução do tempo por disciplinas, a inserção de tempos por áreas integradas em que estavam dois/ três professores ou dois professores e uma psicóloga e a organização não por turmas fundadas no critério de ano de escolaridade, mas turmas mistas com alunos de 5º e 6º anos. O tempo de estudo autônomo, nos anos anteriores, estava mais vinculado às disciplinas. Com as mudanças, pretendia-se que os projetos fossem mais abertos e o tempo de projeto mais livre para que se realizasse um estudo de mais interesse dos alunos e as áreas mais direcionadas ao currículo para garantir aquilo que se prevê curricularmente.

GRÁFICO 1. ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO, ESCOLA A VOZ DO OPERÁRIO DA GRAÇA, INÍCIO DO ANO LETIVO 2017/ 2018



Fonte: ELABORADO PELO PRÓPRIO AUTOR a partir de esboço feito por um dos professores da escola

Dessa maneira, o trabalho girava em torno de projetos tanto de disciplinas, como de áreas e em TEA/ TP (Tempo de Estudo Autônomo e Tempo de Projeto). Segundo relatos, os alunos escolheriam três projetos que têm a duração definida, por exemplo de três meses aproximadamente. A sigla PIT significa Plano Individual de Trabalho em que os alunos planificam suas atividades.

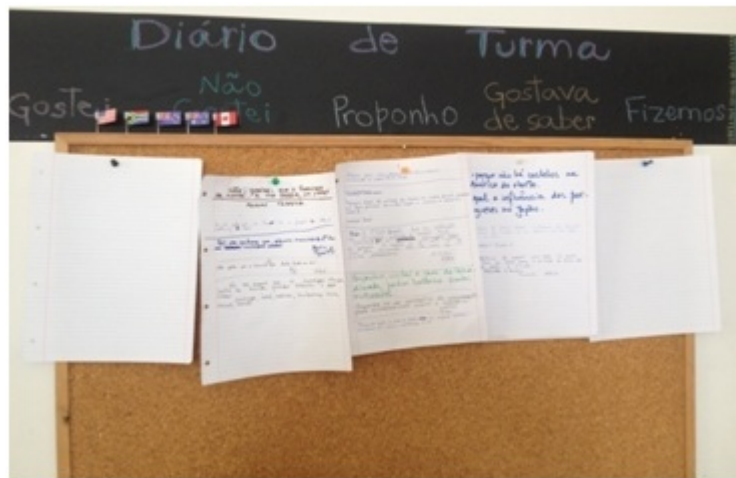
Mateus (nome fictício) tem 12 anos e está na escola desde o pré-escolar. Na capa da sua pasta de Educação Visual ele escreve “Fantasia” como um codinome. Está junto com outros colegas no seu grupo de trabalho: Isabel (9 anos), Matilde (11 anos), Pedro (10 anos) e Margarida (12 anos), todos nomes fictícios, já que os alunos em grande parte do tempo organizavam-se em grupos. Sobre como toma decisões na escola, ele diz:

*Há, muitas das vezes nós quem tomamos as decisões. Eu, à terça-feira, tenho uma decisão, não sei, uma tarefa, uma nova tarefa para a sala, e ao invés de ter com a professora escrevo no “proponho”, no Diário de Turma, e depois na sexta ou então na segunda, vimos a proposta.*

(Trecho de interação em Roda de Conversa em 28/ 09/ 2017)

Os alunos, por meio da participação, sob orientação dos professores, exercitavam, em contexto de interação social, a proposição de pequenas pesquisas ao longo de uma semana socializando curiosidades, perguntas, indagações, questionamentos (Gostava de Saber - Diário de Turma). Exercitavam também expor aquilo de que não gostaram, os conflitos, os problemas enfrentados, decidindo e opinando sobre possibilidades de resolvê-los. Essas proposições eram como decisões ou tarefas (algum assunto ou problema) a serem resolvidos junto àqueles envolvidos. A participação seria o “trabalho de aprender”, conforme já exposto anteriormente. Nesse processo, buscava-se operar uma gradativa co-responsabilização relacionada à vida na escola e no grupo/ turma.

FIGURA 1. DIÁRIO DE TURMA – “UM MODO DE ASSEMBLEIA”



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Participar das decisões, dos caminhos a serem tomados em conjunto, sem que o adulto tome decisões centralizadas em seu poder, mas não sem ele e suas orientações, e sobretudo sob intervenção deliberada deles também parece ser um modo de não deixar as crianças sozinhas na tarefa de resolver os assuntos da vida na escola. Isabel relembra dos modos como sua escola anterior tratava essa questão. ou os professores/ adultos resolviam de maneira solitária os problemas ou os alunos precisavam encontrar formas de resolvê-los de igual modo, sozinhos. Por isso, era possível, segundo Mateus, tomar uma decisão ou propor uma tarefa/ assunto/ problema para ser observado e pensado no coletivo sempre com a presença do professor/ adulto que intervinha nos possíveis encaminhamentos a serem tomados pelas crianças, na forma de apoio de um mais experiente.

O Diário de Turma como suporte para o trabalho em cooperação, era um registro daquilo que se precisava resolver e/ ou socializar para, em interação, compartilhar pontos de vista e encontrar caminhos para o que se relacionasse a estudos, ou a conflitos, ou ainda a condutas e regras. No entanto, a intervenção do professor se fazia necessária constantemente na condução desta interação. A professora oferece orientações quanto às funções e finalidades dos itens do Diário de Turma: “proponho”, “gostava de saber”, “não gostei” e “fizemos”.

Mateus revela durante a pesquisa que nem sempre se escolhe, ainda que a escolha seja dada como uma opção. Ainda que nas escolhas hajam alguns critérios a serem contemplados para que as coisas corram bem, quando os professores percebem muita agitação nos grupos, propõem mudanças. Portanto, entendemos as escolhas neste contexto também como propostas, uma vez que era necessário que o professor avaliasse e verificasse o andamento do trabalho de aprendizagem

### **Considerações finais/ aberturas**

Se do ponto de vista das funções da escola e da educação escolar há um currículo externo prescrito, uma equipe pedagógica cuja responsabilidade é educar e aprendizagens que são obrigatórias numa sociedade escolarizada, há um sujeito que produz sentidos nesse caminho de maneira própria e sempre singular. Que lugar tem essa singularidade na escola, sem que a instituição deixe de cumprir o papel de dar ao aluno o acesso ao conhecimento já desenvolvido e legitimado por meio de intervenções qualificadas? Como aponta Hooks (2019): “Minha voz não é o único relato do que acontece em sala de aula”. (p. 34)

O olhar para a intervenção ou formação de sujeitos interventivos na escola que apresentamos aqui afetava sobremaneira os modos como se proporcionava aos alunos participar, decidir, opinar, encontrar caminhos para as dificuldades e problemas, para estudar. Observamos colocadas em prática algumas rupturas dificilmente verificadas nos contextos escolares em geral.

Verifica-se, assim, a força da cultura curricularizada da instituição escolar como alerta Sacristan (2005), o espaço e tempo reguladores da vida, das formas de estar com os demais. Sinaliza-se também a potencialidade de se colocar em prática a Educação Aberta e também do que hoje é conhecido como Educação Híbrida (AUTOR 2, 2016), em que se integram espaços, ideias, tecnologias, pessoas, perspectivas, projetos.

### REFERENCIAS

BRUNER, Jerome. *The culture of education*. London: Harvard University Press, 1996.

AUTOR 2. POMAR (Percurso Online Múltiplos, Abertos e Rizomáticos): espaços de coproduções para as docências e aprendizagens. In: MILL, Daniel; REALI, Aline. *Educação a distância, qualidade e convergências: sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

AUTOR 2; PESCE, Lucila; BERTOMEU, João Vicente C. Teorias da educação e da comunicação: fundamentos das práticas pedagógicas mediadas por tecnologias. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 30, p. 119-143, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24274/17253>. Acesso em: 15 fev. 2018.

COSME, Ariana; TRINDADE, Rui. *Organização e gestão do trabalho pedagógico: perspectivas, questões, desafios e respostas*. Porto: Mais Letras, 2013.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo:

Martins Fontes, 2013.

PAULUS, Pascal. *Uma outra forma de fazer escola: A Voz do Operário da Ajuda*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

SACRISTÁN, Jose Gimeno. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.